

A REDUPLICAÇÃO FONOLÓGICA NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA COMPARAÇÃO COM OUTRAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Maria de Fátima de Almeida Baia¹

baiamfa@usp.br

RESUMO: Neste estudo piloto, são analisados os aspectos prosódicos e segmentais da reduplicação fonológica na aquisição do português brasileiro e é realizada uma comparação deles com dados de reduplicação na fala infantil de outras línguas românicas: português europeu (PE), espanhol, francês, italiano, catalão e romeno. Dados de reduplicação no PB e no PE mostram um padrão acentual que se difere do da fala adulta, mas o mesmo não é observado nas demais línguas românicas.

PALAVRAS-CHAVE: prosódia, reduplicação, aquisição da linguagem, línguas românicas.

INTRODUÇÃO²

Neste estudo, são analisados os aspectos prosódicos e segmentais da reduplicação fonológica na aquisição do português brasileiro (doravante PB) e é realizada uma comparação deles com dados de reduplicação na fala infantil de outras línguas românicas: português europeu (doravante PE), espanhol, francês, italiano, catalão e romeno.

Segundo Hurch (2004), reduplicação denota um processo morfológico que desempenha um papel importante na organização da morfologia, mas que às vezes pode ser entendido como um fenômeno fonológico. A diferença é que a reduplicação fonológica envolve, por definição, identidade fonológica, e a reduplicação morfológica envolve

¹ Universidade de São Paulo – USP.

² Agradeço os comentários e sugestões dos pareceristas anônimos. O que permanece é de minha responsabilidade. Também quero deixar expressa a minha gratidão às seguintes pessoas: Susana Correia pelos dados do PE; Véronique pelos dados do francês; Ricardo pelos dados do espanhol; Paula Souza pelos dados do catalão; Stefania Marin pelos dados do romeno; e Ana Russo pelos dados do italiano.

semântica e não necessariamente identidade fonológica³. No presente estudo, é analisada a reduplicação fonológica na aquisição do português brasileiro (doravante PB).

Segundo Klein (2005), o processo de reduplicação fonológica na fala infantil pode ser entendido como um modelo fonológico exibido pela criança para compensar alguma limitação e consiste na produção de duas sílabas idênticas ou parcialmente idênticas quando há uma forma alvo. Ele também é descrito como meio de facilitar a pronúncia inicial (Schwartz *et al.*, 1980; Fee & Ingram, 1982; Ferguson, 1983; Vihman *et al.*, 1985; Klein, 2005), e como um processo que carrega vestígios do balbucio (Fee & Ingram, 1982). Ele pode ocorrer de duas maneiras: total *money* [m□m□] ‘dinheiro’ ou parcial *chicken* [kika] ‘galinha’ (cf. Schwartz *et al.*, 1980).

Vihman (1992) assume que a representação fonológica da criança difere da do adulto e defende uma representação holística e subespecificada por meio do uso de ‘modelos’ que moldam inicialmente o alvo adulto de acordo com os processos presentes no estágio de aquisição. Fikkert & Levelt (2008), em um estudo sobre a construção do sistema fonológico e das representações subjacentes, propõem que a natureza do sistema fonológico inicial difere dos estágios mais avançados do desenvolvimento. E, assim como Vihman (1992), assumem que, inicialmente, as crianças não têm uma representação fonológica como a do adulto. Segundo as autoras, que consideram as classes naturais de traços (dorsal, labial, coronal) na análise, a construção da representação fonológica ocorre simultaneamente com o desenvolvimento do léxico, e, geralmente, o ponto de articulação de C₂ em uma sequência C₁ V C₂ (V) é copiado pelo C₁, trocando o ponto de articulação da consoante (e.g. *tafel* – [pap□] ‘mesa’). Tais propostas explicam o porquê da presença de reduplicações fonológicas infantis na aquisição, embora não estejam presentes no sistema adulto da língua adquirida.

Uma questão que se coloca está relacionada com as possíveis razões para a repetição de sílabas CV. Demuth (1996) explica que é a primeira sílaba a aparecer por ser a sílaba universal, mas não aborda as razões articulatórias por trás dessa produção. Goldstein *et al.* (2006), que trabalham sob a perspectiva da fonologia articulatória, explicam que sílabas CV são preferenciais inicialmente por serem produzidas em fase (*in-phase*), i.e. movimento mais estável e simultâneo, e não em anti-fase como em VC.

³ Em geral, os estudiosos que analisam reduplicação morfológica (McCarthy & Prince, 1988; Raimy, 2000; Araújo, 2002) partem da concepção de que reduplicação é um caso especial de morfologia afixional, onde os sufixos são fonologicamente subespecificados, recebendo a expressão fonética por meio da cópia dos segmentos. O mesmo termo tem sido usado pela literatura aquisicionista (Schwartz *et al.*; Ferguson, 1983; Klein, 2005) que lida apenas com aspectos fonológicos.

No que se refere ao formato das palavras reduplicadas, Demuth (1996) propõe os seguintes estágios para a aquisição da palavra prosódica: estágio 1 – troqueu silábico; estágio 2 – troqueu ou iambo; estágio 3 – reorganização silábica no pé. Dessa maneira, a proposta de Demuth poderia explicar o porquê que as reduplicações tendem a ser dissilábicas com o estágio 1, o da palavra mínima. No entanto, enquanto os estudos sobre aquisição de acento no inglês mostram que os dados de reduplicação e os demais dados iniciais tendem a portar acento à esquerda (Schwartz *et al.*, 1980; Gerken, 1994; Demuth, 1996), o que confirma o estágio inicial proposto por Demuth (1996), Santos (2007) e Baia (2008b) observam que a posição do acento tende a se diferenciar na aquisição do PB, pois são produzidos mais iampos pelas crianças. A proposta que explica tal discrepância entre o padrão acentual inicial das reduplicações é a de Santos (2007) que vai assumir que o padrão inicial é resultado da marcação de parâmetros relacionados ao pé (a extensão: binária) e o núcleo (não-marcado) da língua-alvo. A proposta é vantajosa sobre as demais, pois apresenta uma explicação unificada para dois fatores apontados na literatura: crianças que adquirem o PB começam com uma tendência iâmbica e as que adquirem o inglês com uma tendência trocaica. Sobre os iampos do PB, Bonilha (2004a), analisando dados de fala adulta, propõe que grande parte das palavras com acento final apresenta sílaba pesada final ou vogal alta (e.g. ururu, caju, saci). A partir disso, podemos pensar que pode haver influência da qualidade vocálica na posição do acento nas palavras iniciais.

1. SOBRE O FORMATO PROSÓDICO INICIAL

O estudo acerca do formato prosódico inicial na aquisição da linguagem não é recente, pois, desde os anos 80, vem sido realizadas pesquisas que se comprometem em verificar a tendência prosódica inicial no enunciado infantil (cf. Allen & Hawkins, 1980; Hochberg, 1988; Gerken, 1994). No entanto, a maior parte dessas pesquisas concentra a sua análise no processo de apagamento e no modelo prosódico resultante desse processo; deixando de analisar, assim, outras características particulares do léxico infantil, e.g. as reduplicações fonológicas, criações lexicais, etc. Todavia, essas outras características do léxico infantil, como as reduplicações, não deixaram de ser alvo de estudos na década de 80 (cf. Schwarts *et al.*, 1980; Fee & Ingram, 1982; Ferguson, 1983), porém apenas aspectos segmentais são analisados nestes estudos.

O início da verificação acerca do formato prosódico inicial ocorreu com o trabalho de Allen & Hawkins (1980), no qual é analisada a omissão de sílabas fracas no inglês e se afirma a existência de uma tendência trocaica nos enunciados iniciais. Segundo os autores, as primeiras palavras teriam o formato SW⁴ e tal tendência ocorreria em outras línguas. Dando sequência à pesquisa de Allen & Hawkins, Gerken (1994) analisa dados experimentais de aquisição do inglês e observa a predominância do pé trocaico. Por essa razão, a autora vai enfatizar que o formato prosódico trocaico é inato e pode ser encontrado na aquisição de outras línguas. No entanto, há estudos que questionam o fato de o pé trocaico ser predominantemente inicial no inglês (cf. Stoel- Gammon & Kehoe, 1997) e, para validar tal questionamento, expõem exemplos de erros direcionados para o pé iâmbico. Em outras línguas germânicas, como no holandês, há estudos que apontam uma tendência trocaica inicial (cf. Demuth, 1996; Wijnem *et al.*, 1994) e estudos que questionam a universalidade desse modelo prosódico, apresentando exemplos de apagamento em palavras trissílabas que favorecem a produção de iampos (cf. Taelman, 2004).

Nas línguas românicas, o estudo sobre o espanhol não confirma a universalidade do troqueu (cf. Hochberg, 1988) e propõe um início neutro, i.e. sem tendência prosódica inicial, baseado na produção infantil de logatomas. No francês, há o estudo de Allen (1983) que, analisando o contorno suprasegmental de crianças francesas adquirindo a primeira língua, nota a existência de uma restrição prosódica trocaica; porém um outro estudo (cf. Demuth & Johnson, 2003) vai observar a predominância de iampos e um dos pesquisadores (cd. Demuth, 2003), mais adiante, afirma que o que predomina nos primeiros enunciados da aquisição do francês são os monossílabos, sílabas fortes finais, resultantes de apagamento segmental. No catalão (cf. Prieto, 2005), os dados parecem indicar uma tendência trocaica, pois SW é produzido como SW, WS é produzido como S e WSW como SW. No português europeu, Correia (2010) encontra uma tendência iâmbica nos dados iniciais.

O PB apresenta um quadro interessante, pois apesar da língua apresentar no seu inventário lexical um maior número de troqueus, segundo Cintra (1997) e Albano (2001), o mesmo não é observado nos dados infantis. Além disso, os estudos do PB podem ser separados entre estudos observacionais (naturalísticos) e experimentais:

Estudos observacionais: Bonilha (2004b) afirma que no primeiro estágio de aquisição há a emergência tanto de pés troqueus como também de iampos, mas observa que,

⁴ S – *strong* - forte/ W – *weak* – fraco. SW: troqueu e WS: iambo.
ReVEL, v. 8, n. 15, 2010.

inicialmente, há uma emergência maior de iambos. Santos & Fikkert (2005) notam que os iambos são realizados corretamente antes de troqueus, palavras monossilábicas são produzidas como iambos (S>WS), palavras WSW são truncadas em WS, e os erros de acento favorecem o pé iâmbico. Em um estudo posterior, Santos (2007) prossegue afirmando a tendência iâmbica no PB e propõe que o parâmetro no núcleo não tenha um valor inicial no intuito de explicar o porquê que a tendência prosódica inicial no PB difere-se da encontrada nas línguas românicas. Baia (2008a), investigando o modelo prosódico predominante no léxico particular (criações lexicais, produções familiares) e os erros de acento, nota, em seus resultados percentuais, a falta de evidências para uma tendência trocaica e aponta a existência de indícios a favor da tendência iâmbica no léxico inicial do PB. Em um estudo posterior, Baia (2008a) confronta resultados do seu estudo naturalístico com o experimental, e afirma que esse tipo de produção (léxico particular) tem um papel crucial na tendência iâmbica do PB.

Estudos experimentais: o primeiro estudo experimental sobre o formato prosódico das palavras infantis na literatura brasileira é o de Rapp (1994), que analisa o processo de apagamento de sílabas fracas e afirma a predominância de troqueus. Para estabelecer um diálogo com o estudo de Rapp, Baia (2008a) desenvolve um outro experimento e encontra a tendência observada por Rapp nos dados; no entanto, a autora, após análise de dados naturalísticos, observa que o inventário utilizado em ambos os experimentos é problemático para afirmar uma tendência inicial categoricamente. Segundo a autora, a discrepância entre os resultados dos estudos observacionais e experimentais ocorre devido à ausência do léxico particular e da classe gramatical de verbos no inventário de ambos os experimentos, que contêm apenas dados de léxico comum e nomes. Além disso, segundo Baia (2008a), o conjunto de dados naturalísticos apresenta a vantagem de conter os dados na íntegra, isto é, estão presentes dados de nomes e verbos de léxico comum e particular.

Os estudos citados anteriormente mostram a tendência prosódica presente na fala infantil, mas nem todos apresentam a tendência da forma alvo. Como um dos objetivos deste trabalho é comparar a preferência prosódica da fala infantil com a presente na fala adulta, o seguinte quadro foi elaborado:

<i>Língua</i>	<i>Tendência prosódica FA⁵</i>	<i>Estudos</i>
PB	Trocaica	Cintra (1997), Albano(2001)
PE	Trocaica	Mateus <i>et al.</i> (1989)
Espanhol⁶	Trocaica	Harris (1983), Roca (1991)
Italiano	Indeterminado	Vogel & Scalise (1982), Roca (1999)
Francês	Iâmbica	Demuth & Johnson (2003)
Catalão	Indeterminado	Roca (1999)
Romeno	Trocaico	Roca (1999)

Quadro 1: Tendência prosódica na forma alvo (FA) das línguas românicas

Como o quadro mostra, os estudos sobre o catalão e o italiano não afirmam haver um formato prosódico predominante na língua adulta. Além disso, como se pôde perceber com os estudos até então relatados, as reduplicações ainda não foram alvo exclusivo de um estudo acerca do formato prosódico inicial, e, levando-se em conta que se trata de um fenômeno universal na fala infantil (cf. Ferguson, 1983), o seu estudo pode trazer resultados interessantes na comparação das tendências encontradas em cada língua. Por essa razão, neste presente estudo, é destinado um olhar especial para as reduplicações. As hipóteses a serem perseguidas são: (1) as reduplicações infantis seguem o padrão prosódico inicial do PB (iâmbico) (defendida por Santos, 2007; Baia, 2008a); (2) sendo iâmbicas, são, majoritariamente, constituídas por vogais altas e médio-baixas (proposta de Bonilha, 2004a). Observar-se-á também o padrão acentual das reduplicações em outras línguas românicas.

1.1 PALAVRAS REDUPLICADAS NO PB ADULTO

Foi realizada uma pesquisa sobre as palavras reduplicadas cristalizadas no inventário lexical do PB, utilizando o dicionário Aurélio (versão digital 3.0). Foram encontradas 34 palavras reduplicadas, algumas delas se tratavam de palavras infantis produzidas por adultos (26,4% [9], e.g. ‘cocó’ [galinha], vovó, vovô), de origem latina (20,5% [7], e.g. nono lat.

⁵ As informações acerca do modelo prosódico predominante na forma alvo foram retiradas dos estudos citados. Porém, quando o estudo não trouxe tal informação, foi consultado o *The World Atlas of Language Structures Online*. Este atlas (<http://wals.info/index>) foi utilizado para o Catalão (Roca, 1999) e Espanhol (Roca, 1991).

⁶ O espanhol contemplado neste estudo sobre a reduplicação fonológica na fala infantil é o do Peru, que tem influência (como empréstimos) da língua Quéchua. No entanto, isso não interfere a tendência prosódica trocaica do espanhol alvo, pois Quéchua apresenta a mesma tendência prosódica que o espanhol (Adelaar, 1984).

nónus,a,um), de origem onomatopaica (14,7% [5], e.g. xixi, vuvu), de origem incerta (14,7% [5], e.g. xexé, xoxo), de origem africana ou indígena (11,8% [4], e.g. chuchu [*chufehuf* – *quéchua*], gogó [*gogongo* – *ioruba*], empréstimos do francês (8,9% [3], e.g. totó *toutou* – lig. infantil para *chien-*, tutu), e empréstimos do italiano (3% [1], e.g. nana [*nanna* – ação de ninar]). O quadro com as palavras reduplicadas encontradas é colocado a seguir.⁷

Red VA (i, u)	Red VMA (e,o)	Red VMB (□,□)	Red VB (a)
menino/a [ni.'ni]	bebê [be.'be]	cocó [k□.'k□]	baba ['ba.ba]
tutu [tu.'tu]	bobo ['bo.bo]	gogó [g□.'g□]	babá [ba.'ba]
vuvu [vu.'vu]	cocô [ko.'ko]	lelé [l□.'l□]	caca ['ka.ka]
xixi [xi.'xi]	fofo ['fo.fo]	totó [t□.'t□]	cacá [ka.'ka]
pipi [pi.'pi]	lele [le.'le]	vovó [v□.'v□]	gagá [ga.'ga]
chuchu [□u.'□u]	nenê [ne.'ne]	xexé [□ □.'□ □]	mama ['ma.ma]
cricri [k□i.'k□i]	nono ['no.no]	Mamã [mã.'mã]
.....	vovô [vo.'vo]	nana ['na.na]
.....	xoxô [□o.'□o]	papa ['pa.pa]
.....	chocho [□o.'□o]	papá [PA.'pa]
.....	tatá [ta.'ta]

Quadro 2: Palavras reduplicadas cristalizadas em PB

Red VA (i, u)	20,6% (7) → 100% iambos
Red VMA (e,o)	29,4% (10) → 60% (6) iambos/ 40% (4) troqueus
Red VMB (□,□)	17,7% (6) → 100% iambos
Red VB (a)	32,3% (11) → 54,6% (6) iambos/ 45,4% (5) troqueus

Quadro 3: Porcentagem do tipo de vogais e modelo prosódico em palavras reduplicadas

Como o quadro (2) mostra, o número de palavras reduplicadas com vogal baixa e vogal médio-alta é maior do que a ocorrência das demais e todas as reduplicações com vogal alta e médio-baixa têm o acento na sílaba final. Os dados corroboram, então, o que é afirmado por Bonilha (2004a) a respeito do papel desempenhado pelas vogais altas e médio-baixas nos iambos do PB. Porém, os resultados apresentados abrangem apenas dados de palavras cristalizadas existentes no léxico adulto e Santos (2007) e Baia (2008a) encontram uma tendência iâmbica analisando dados não, necessariamente, reduplicados. Ainda é necessário pesquisar o que ocorre com as palavras reduplicadas na fala infantil.

⁷ Red 'reduplicação', VA 'vogal alta', VMA 'vogal médio-alta', VMB 'vogal médio-baixa' e VB 'vogal baixa'.
ReVEL, v. 8, n. 15, 2010.

2. METODOLOGIA

Dados do PB: neste estudo, são analisados dados experimentais (DEX) de 42 crianças e naturalísticos (DES) de uma criança (LUI), utilizados por Baia (2008a)⁸ em um estudo sobre o formato prosódico inicial, o qual contempla a faixa etária de 1 ;5 a 3 anos. Ao todo foram analisados 28 dados de DEX e 125 de DES, e como é de se esperar, o léxico reduplicado é muito mais frequente em situações de produção espontânea. Foram seguidos critérios baseados em parâmetros contextuais e fonéticos, propostos por Vihman & McCune (1994), para determinar quando que as reduplicações poderiam ser entendidas como uma palavra fonológica: critérios baseados no contexto (determinativo, identificação materna, uso múltiplo, episódios múltiplos), no modelo de vocalização (correspondência complexa, correspondência segmental exata, correspondência prosódica exata) e na relação com outras vocalizações (*tokens* imitados, ausência de variação, ausência de usos inapropriados). Como os autores, neste estudo é assumido que um candidato à palavra é bom quando obedece dois critérios ou mais. Ao todo, são analisadas 153 palavras (considerando repetições).

Demais línguas românicas: as demais línguas românicas analisadas neste estudo são: PE, espanhol (Peru), italiano (Sul da Itália), francês (Europa), catalão e romeno. Todas essas línguas românicas, exceto romeno e italiano, foram alvo de estudos acerca do formato prosódico inicial (cf. introdução); por essa razão, os dados romenos e italianos aqui apresentados são de grande importância.

Seguindo o inventário de Ferguson (1964), Stoel – Gammon (1976) e Clark (2005) de léxico inicial, foi elaborado um outro inventário condizente com a faixa etária que é investigada por Baia (2008a) no PB (1;5 – 3;0). No inventário constou o seguinte tipo de produção: nomes comuns afetivos (mamãe, papai, vovô, etc), hipocorísticos comuns na fala infantil, partes do corpo, comida, animais, brinquedos, personagens infantis famosos em cada local de onde era o informante, objetos comuns (mamadeira, chupeta, fralda, etc), ações comuns e seus resultados (urinar/ urina ou pipi/xixi, comer/ comida ou papá, etc) e onomatopéias frequentes na fala infantil. Foram extraídas as palavras reduplicadas para o presente estudo.

⁸ Os dados experimentais foram recolhidos em creches da cidade de São Paulo e Ferraz de Vasconcelos (Grande São Paulo). O experimento foi de nomeação de figuras e contou com a participação de 20 meninas e 22 meninos. A criança do estudo naturalístico é uma menina. Os dados, retirados do estudo conduzido por Baia (2008a) sobre o formato prosódico inicial do PB, não são, assim, oriundos de um experimento específico sobre reduplicação. Por essa razão, o estudo aqui apresentado ainda é piloto.

Para obtenção dos dados, foi elaborada uma ficha com base nesse inventário, que foi preenchida por pais pesquisadores italianos, romenos, catalães, franceses, peruanos e portugueses; em sua maioria linguistas, baseados nas suas intuições de falantes nativos e também com a ajuda de outras pessoas não iniciadas nos estudos linguísticos. Como Karmiloff & Karmiloff-Smith (2002) lembram, o estudo realizado com base em questionários preenchidos por pais é um meio viável de coleta inicial, sendo necessário, no entanto, um estudo posterior.

A análise desses dados é qualitativa devido à pequena quantidade de dados e pelo estudo ser piloto. Além disso, a análise se baseia em dados que foram transcritos ortograficamente, com notação fonética e todos têm o acento principal marcado. A fim de deixar os exemplos claros, todos os dados contam com o alvo adulto escrito na respectiva língua e a tradução em português.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 AS PALAVRAS REDUPLICADAS NA AQUISIÇÃO DO PB: ESTUDO PILOTO

A respeito do PB, Stoel-Gammon (1976), em um estudo sobre a fala infantilizada⁹ no PB, observa a frequência das palavras reduplicadas ao longo da aquisição da linguagem pelas crianças brasileiras, porém não as analisa separadamente.

No inventário segmental das reduplicações ([p, b, t, d, f, v, n, m, l, □, k, i, u, o, □, e, □, a]), foram encontradas 37 combinações de segmentos nas sílabas das 153 palavras reduplicadas, resultando a análise de 306 sílabas. A combinatória mais frequente nas reduplicações não foi composta por segmentos da mesma classe natural quanto ao ponto de articulação, mas sim por consoante labial [b,p,v,m] e vogal dorsal [a]:

⁹ Cavalcante (2007) traduz *baby talk* como ‘fala infantilizada’, que consiste em pequenas sentenças gramaticais, repetições, sintaxe simplificada, elevação de altura e entoação exagerada. ReVEL, v. 8, n. 15, 2010.

C labial + V labial/dorsal	b□,bo,bu /p□,pu/ f□,fu/ v□,vo	10,8%(33)
C coronal + V coronal	t□,te,ti / ne/ □i/le,li	10,4%(32)
C dorsal + V dorsal (labial)	ka/ ko/ ku	16,3%(50)
C labial + V coronal	bi/ pi/ fi/ mi	5% (15)
C labial + V dorsal	ba/ pa/ va/ ma	31,1%(95)¹⁰
C coronal + V dorsal (labial)	ta, t□, tu/ d□,do/ na/ lu	25,4%(78)
C dorsal + V coronal	□e/ k□, ki	1%(3)

Tabela 1: Combinação dos segmentos e classes naturais¹¹

No que se refere à qualidade vocálica, a vogal [a] se destacou nos dados de reduplicação sem considerar palavras repetidas (total de 111 – 23 em DEX e 88 em DES): em DEX [a] 43,10% (10), [□] 34,8% (8), outros¹² 21,8% (5); em DES [a] 37,5% (33), [□] 2,2% (2), [□] 11,3% (10), [e] 8% (7), [o] 14,8% (13), [i] 10,2% (9), [u] 16% (14).

Nenhum tipo de reduplicação prevaleceu significativamente, pois houve reduplicação total (e.g. [bo.'bo] bola; [le.'le] bambolê) em 52,2% (80) dos dados, e parcial (e.g. ['pa.p□] lápis; ['ka.ko] casaco) em 47,8% (73) dos dados. A sílaba reduplicada foi a acentuada da palavra alvo em mais de 80% dos dados.

A primeira hipótese é confirmada, pois prevaleceu a reduplicação iâmbica em 86,2% (132) dos dados, e houve 13,1% (20) de reduplicação trocaica. No entanto, diferentemente do que Bonilha (2004a) observa nos dados do PB alvo, as vogais altas não predominam, pois houve mais ocorrência, como observado nos dados gerais, de vogal dorsal [a] nas reduplicações iâmbicas:

	[a]	[□]	[□]	[e]	[o]	[i]	[u]
SW	35% (7)	5% (1)	50% (10)	0%	0%	0%	10% (2)
WS	53.8% (71)	0.8%(1)	8,3% (11)	9% (12)	12,1% (16)	5,3% (7)	10,7% (14)

Tabela 2: Qualidade vocálica nas sílabas acentuadas

Os dados de reduplicação não corroboram a hipótese de Demuth (1996), pois prevaleceu a produção de iambos, e não confirmam nos dados infantis o que Bonilha (2004a)

¹⁰ A predominância de sílabas com a vogal dorsal pode ter ocorrido devido ao número considerável de palavras com a vogal [a]. Do total de 153 palavras reduplicadas, 52 (34%) palavras-alvo apresentavam a vogal [a] em alguma sílaba. Isso será verificado em um estudo posterior com uma maior quantidade de dados.

¹¹ C: consoante, V: vogal. As combinações de segmentos de uma mesma classe natural estão sombreadas.

¹² Em 'outros' estão presentes as vogais que ocorreram pouquíssimas vezes.

aponta no PB adulto, i.e. a influência da vogal alta na atribuição de acento final. Além disso, em geral, as reduplicações tendem a alternar entre total e parcial.

3.2 AS PALAVRAS REDUPLICADAS NA AQUISIÇÃO DE OUTRAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

O estudo é piloto e ainda superficial por não ser realizado por meio de uma análise direta dos dados infantis. São expostos e analisados os dados obtidos por meio do preenchimento de fichas nesta seção. O quadro a seguir mostra os exemplos de reduplicação em cada uma dessas línguas e o modelo prosódico que prevalece na fala infantil comparado com o modelo predominante na fala adulta.

Língua	Exemplos de reduplicação infantil	Criança	Adulto
PE	<i>po'po</i> 'carro', <i>ti'ti</i> 'tio/tia', <i>co.'co</i> 'cocô', <i>xi'xi</i> 'xixi'	WS	SW
Espanhol	<i>'pa.pa</i> 'comida', <i>gua'gua</i> (<i>niño</i>) 'bebê', <i>'teta</i> 'água', <i>'caca</i> 'cocô'	SW	SW
Italiano	<i>'pappa</i> (<i>'cibo</i>) 'comida', <i>bu'bu</i> (<i>do'lore</i>) 'machucado', <i>PI'pi</i> 'xixi'	WS/SW	Indet.
Francês	<i>ma'mi</i> (<i>grand-mère</i>) 'avô', <i>pa'pi</i> (<i>grand-</i> <i>père</i>) avô, <i>ca'ca</i> 'cocô', <i>pi'pi</i> 'xixi'	WS	WS
Catalão	<i>'pupa</i> 'ferida', <i>'bibi</i> (<i>bibe'ró</i>) 'mamadeira', 'mama (<i>'mare</i>) mãe, <i>'caca</i> 'cocô'	SW	Indet.
Romeno	<i>'bebe</i> (<i>bebe'lus</i>) 'bebê', <i>'nene</i> (<i>'unch')</i> 'tio', 'tanti (<i>mă'tușă</i>) 'tia', <i>'caca</i> 'cocô', <i>'bobo</i> (<i>bom.'boană</i>) 'doce'	SW	SW

Quadro 4: reduplicações fonológicas nas línguas românicas, exceto PB

Observando o quadro, pode-se notar que o PE, assim como PB, apresenta discrepância entre a tendência prosódica geral da forma alvo e da infantil. No restante das línguas, a fala infantil ou segue a tendência prosódica da forma alvo (espanhol, romeno e francês) ou apresenta o troqueu como pé predominante nas línguas das quais não se sabe o modelo prosódico predominante na forma alvo (catalão e italiano). Logo, a terceira hipótese, segundo a qual observaríamos o mesmo formato na reduplicação no PB nas demais línguas românicas, não é confirmada.

No que se refere à universalidade do troqueu (Allen & Hawkins, 1980; Gerken, 1994), os dados românicos expostos não apresentam indícios a favor dela. O que ocorre é a predominância nos dados infantis da tendência da forma alvo, porém o PB apresenta um comportamento diferenciado, pois na forma alvo prevalece SW (Cintra, 1997) e na infantil prevalece WS.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procurou-se mostrar algumas das características prosódicas e segmentais da reduplicação fonológica na aquisição do PB e comparar o formato prosódico inicial apresentado pelas reduplicações nas diferentes línguas românicas. Foi apresentado o comportamento diferenciado do PB e do PE em relação às demais línguas românicas. No PB, isso pode ocorrer devido ao pé básico dos nomes na língua que, segundo alguns autores (Lee, 1995; Santos, 2007), é o iambo, apesar de outro estudo que trabalha com algoritmo afirmar ser o troqueu (Bisol, 1992) assim como outros estudos que não trabalham com algoritmo (Cintra, 1997; Albano, 2001). O próximo passo é fazer o estudo comparativo das reduplicações com base em dados infantis diretamente e não nas fichas preenchidas pelos pais aqui analisadas.

BIBLIOGRAFIA

1. ADELAAR, W. F. H. Grammatical vowel length and the classification of Quechua verbs. *International Journal of American Linguistics*, v. 50, n.1, p. 25-47, 1984.
2. ALBANO, E. C. *O gesto e suas bordas: esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro*. Campinas/SP: Mercado de Letras, São Paulo: Associação de Leitura do Brasil- ALB; FAPESP, 2001.
3. ALLEN, G.D. & S. HAWKINS– Phonological rhythm: definition and development em G. Yeni-Konishian; J.F. Kavanagh & C.A. Ferguson (eds) *Child Phonology* vol. 1, NY Academic Press,. p. 227-256, 1980.
4. ALLEN, G. D. Some suprasegmental contours in French Two-Year-Old Children's speech In *Phonetica*, Vol.40, No. 4, p. 269-292, 1983.

5. ARAÚJO, G. A. “Truncamento e reduplicação no português brasileiro”. *Revista de Estudos da Linguagem*. V.10, n. 1, p. 61-90, 2002.
6. BAIA, M.F.A. *Formato prosódico inicial na aquisição do português brasileiro*. Universidade de São Paulo: dissertação de mestrado, 2008a.
7. _____ “O formato prosódico na fala infantil: a produção de criações lexicais, produções familiares e erros de acento em dados experimentais e naturalísticos”. *Anais do X ENAPOL*, São Paulo: USP, 2008b.
8. BISOL, L. “O acento e o pé métrico binário”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, (22): 69-80, jan./jun, 1992.
9. BONILHA, G. F. G. “A influência da qualidade da vogal na determinação do peso silábico e formação dos pés: o acento primário do português”. *Organon*, UFRGS, v. 18, n. 36, p. 41-56, 2004a.
10. BONILHA, G. F. G. *Aquisição Fonológica do português brasileiro: uma abordagem conexionista da Teoria da Otimalidade*. Rio Grande do Sul: PUC, Dissertação de doutorado, 2004b.
11. CAVALCANTE, M. C. B. “Manhês: produção e percepção na aquisição da linguagem” em *Em-Tom-Ação: a prosódia em perspectiva*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2007.
12. CINTRA, G. Distribuição de padrões acentuais no vocábulo em português em *Confluência*, vol. 5. n. 3 83-92 ed. Unesp Assis, 1997.
13. CLARK, E.V. *First Language Acquisition United Kingdom*: Cambridge University Press, 2005.
14. CORREIA, S. *The acquisition of primary word stress in European Portuguese*. Tese de doutorado. Universidade de Lisboa, 2010.
15. DEMUTH, K. The prosodic structure of early words. J. Morgan & K. Demuth (eds) *Signal to Syntax: Bootstrapping from Speech to Grammar in Early Acquisition*, 171-184 Lawrence Erlbaum ed., 1996.
16. DEMUTH & JOHNSON– Truncation to subminimal words in early French in *Canadian Journal of Linguistics*. 48 (3/4): 211:241, 2003.
17. FEE, J. & INGRAM, D. “Reduplication as a strategy of phonological development” In *Journal of child language*, 9, 41 – 54, 1982.
18. FERGUSON, C. "Baby Talk in Six Languages." *American Anthropologist*. 66.6 -Part 2 (1964):102-114, 1964.

19. FERGUSON, C. “Reduplication in child phonology” IN *Journal of Child Language*, 10, p.239 – 243, 1983.
20. FIKKERT, P. & C.C. LEVELT “How does place fall into place? The lexicon and emergent constraints in the developing phonological grammar”. Em : P. Avery, B. Elan Dresher & K. Rice (eds.), *Contrast in phonology: Theory, Perception, Acquisition*. Berlin: Mouton. Pp. 231–268, 2008.
21. GERKEN, L. A. A metrical template account of children’s weak syllable omissions from multisyllabic words. *Journal of Child Language*, vol.21 565-584, Cambridge University Press, 1994.
22. HOCHBERG, J. G. First steps in the acquisition of Spanish stress. *Journal of Child Language*, n. 15, 273-292 Cambridge University Press, 1988.
23. KARMILOFF, K. & ANNETTE KARMILOFF-SMITH. *Pathways to language: from fetus to adolescent*. First Havard University, 2002.
24. KEHOE, M. & STOEL- GAMMON, C. The acquisition of prosodic structure: An investigation of current accounts of children’s prosodic development. *Language*, Volume 73, Number 1, 1997.
25. GOLDSTEIN, L.; BYRD, D. & SALTZMAN, E. “The role of vocal tract gestural action units in understanding the evolution of phonology” em M. Arbib (ed.) *From Action to Language: The Mirror Neuron System*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
26. HARRIS, J. *Syllable structure and stress in Spanish: a non-linear analysis*. Massachusetts: Cambridge, 1983.
27. HURCH, B. *Studies on reduplication (intro)*. New York: Mounton de Gruyter, 2004.
28. KLEIN, H. B. “Reduplication revisited: functions, constraints, repairs, and clinical implications” em *American Journal of Speech-Language Pathology*, vol. 14, 71-83, 2005.
29. LEE, S. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Campinas: UNICAMP, tese de doutorado, 1995.
30. McCARTHY, J. & A. PRINCE “A theory of internal reduplication”. *The linguistic Review* 3, p. 25-88, 1988.
31. MATEUS, M. H. M.; A. M. BRITO; I. DUARTE; I. H. FARIA. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.
32. PRIETO, P. “Early prosodic word acquisition in Catalan”. *Second Lisbon Meeting on Language Acquisition with special reference to Romance Languages*. Lisboa, 2005.

33. RAIMY, E. *The phonology and morphology of reduplication*. New York: Mouton de Gruyter, 2000.
34. RAPP, C. *A Elisão de Sílabas Fracas nos Estágios Iniciais da Aquisiãõ da Fonologia do Português*. Dissertaçãõ de mestrado UFB, 1994.
35. ROCA, I. "Stress and syllables in Spanish". Campos, H. and Martínez – G. L. F. (eds). *Current studies in Spanish linguistics*. Washington: Georgetown University Press, 599-635, 1991.
36. _____ Stress in the Romance Languages. Van der Hulst, H. *World Prosodic Systems in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.
37. SANTOS, R.S. *A aquisiãõ prosódica do português brasileiro de 1 a 3 anos: padrões de palavra e processos de sãndi externo*. São Paulo: Universidade de São Paulo. tese de livre docência, 2007.
38. SANTOS & FIKKERT, P. The Acquisition of word stress: bottom-up or top-down: a cross-linguistic perspective. *V Workshop on Phonological Acquisition*. Holanda: Rodbod Universiteit, 2005.
39. STOEL – GAMMON, C. "Baby talk in Brazilian Portuguese" IN *Revista Brasileira de Lingüística*, vol. 3, nº1, 22-26, 1976.
40. SCHWARTZ, R.; LEONARD, L. B.; WILCOX, M. J. & FOLGEN, K. "Again and again: reduplication in child phonology" In *Journal of child language*, 7, 75 – 88, 1980.
41. TAELEMAN, H. *Syllable omissions and additions in Dutch child language inquiry into the function of rhythm and the link with innate grammar*. Tese de Doutorado. Holanda: Universidade Antwerpen, 2004.
42. VIHMAN, M. M.; MACKEN, M. A.; SIMMONS, R. M. H.; MILLER, J. "From Babbling to speech: a re-assessment of the continuity issue". *Language*, volume 61, number 2, 1985.
43. VIHMAN, M. M. "Early syllables and the construction of phonology". Em C.A. Ferguson, L. Menn & C. Stoel-Gammon (eds.), *Phonological Development: Models, Research, Implications*. Parkton, MD: York Press, 1992.
44. VIHMAN, M. M. & L. McCUNE "When is a word a word?" in *Journal of Child Language*, 21, 517-542, 1994.
45. VOGEL, I.; SCALISE, S. Secondary stress in Italian. *Lingua*, v.58, p. 213-242, 1982.

46. WIJNEN, F.; KRIKHAAR, E. & DEN OS, E. The (non)realization of unstressed elements in children's utterances: evidence for a rhythmic constraint. *Journal of Child Language*, 21, 59-83, 1994.

ABSTRACT: In this pilot study we analyze segmental and prosodic aspects of reduplicated words in Brazilian Portuguese (BP) acquisition and we compare BP data with reduplicated data from other Romance languages: European Portuguese (EP), Spanish, French, Italian, Catalan and Romanian. Reduplication data in BP and EP show a stress pattern in child speech that differs from the adult speech, but the same is not verified in other Romance languages.

KEYWORDS: prosody; reduplication; language acquisition; Romance languages.

Recebido no dia 05 de junho de 2010.

Artigo aceito para publicação no dia 01 de agosto de 2010.